



**O PAPEL DA NATUREZA NAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA:
PERSPECTIVAS ACADÊMICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**THE ROLE OF NATURE IN BODILY ADVENTURE PRACTICES:
ACADEMIC PERSPECTIVES IN PHYSICAL EDUCATION**

**EL PAPEL DE LA NATURALEZA EN LAS PRÁCTICAS DE AVENTURA
CORPORAL: PERSPECTIVAS ACADÉMICAS EN EDUCACIÓN FÍSICA**

Silvia Gomes MURICI

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

E-mail: silviamurici@uft.edu.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1397-1856>

Thiago Nilton Alves PEREIRA

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

E-mail: thiagoniltona@uft.edu.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6682-7471>

Ruhena Kelber Abrão FERREIRA

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

E-mail: kelberabrao@uft.edu.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5280-6263>

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como foco investigar a inserção das Práticas Corporais de Aventura (PCA) no currículo da Educação Física escolar, enfatizando sua conexão com a natureza como elemento central para diversificar as vivências corporais, em contraste com a predominância de conteúdos tradicionais. Alinhada às diretrizes da BNCC, a pesquisa busca avaliar o conhecimento dos estudantes de Educação Física do Campus de Miracema do Tocantins sobre o PCA e sua aplicação nos estágios curriculares obrigatórios. As PCA são compreendidas como práticas realizadas em ambientes naturais ou urbanos, observações por imprevisibilidade e risco controlado, promovendo experiências únicas e desafiadoras. A metodologia inclui uma revisão bibliográfica para mapear abordagens na literatura científica e entrevistas com estudantes da Universidade Federal do Tocantins (UFT), explorando percepções e experiências por meio de perguntas abertas. Os dados serão analisados qualitativamente, com categorização de respostas para identificar desafios e potencialidades relacionadas à estrutura e metodologia de ensino. Ao final, o estudo

busca contribuir para o aprimoramento da prática pedagógica em Educação Física, valorizando o papel dos ambientes naturais como recursos pedagógicos, promovendo a diversificação dos conteúdos.

Palavras-chave: Trabalho. Lazer. Capital. Dialética.

ABSTRACT

This article focuses on investigating the insertion of Body Adventure Practices (PCA) in the school Physical Education curriculum, emphasizing its connection with nature as a central element to diversify body experiences, in contrast to the predominance of traditional content. In line with BNCC guidelines, the research seeks to evaluate the knowledge of Physical Education students at the Miracema do Tocantins Campus about the PCA and its application in mandatory curricular internships. PCA are understood as practices carried out in natural or urban environments, observations due to unpredictability and controlled risk, promoting unique and challenging experiences. The methodology includes a bibliographic review to map approaches in scientific literature and interviews with students from the Federal University of Tocantins (UFT), exploring perceptions and experiences through open-ended questions. The data will be analyzed qualitatively, with categorization of responses to identify challenges and potential related to the structure and teaching methodology. In the end, the study seeks to contribute to the improvement of pedagogical practice in Physical Education, valuing the role of natural environments as pedagogical resources, promoting the diversification of content.

Keywords: Work. Leisure. Capital. Dialectic.

RESUMEN

Este artículo se centra en investigar la inserción de las Prácticas Corporales de Aventura (PCA) en el currículo de Educación Física escolar, destacando su conexión con la naturaleza como elemento central para diversificar las experiencias corporales, en contraste con el predominio de contenidos tradicionales. En línea con las directrices del BNCC, la investigación busca evaluar el conocimiento de los estudiantes de Educación Física del Campus Miracema do Tocantins sobre el PCA y su aplicación en

las prácticas curriculares obligatorias. Se entiende por PCA prácticas realizadas en ambientes naturales o urbanos, observaciones por imprevisibilidad y riesgo controlado, promoviendo experiencias únicas y desafiantes. La metodología incluye una revisión bibliográfica para mapear enfoques en la literatura científica y entrevistas con estudiantes de la Universidad Federal de Tocantins (UFT), explorando percepciones y experiencias a través de preguntas abiertas. Los datos serán analizados cualitativamente, con categorización de respuestas para identificar desafíos y potencialidades relacionadas con la estructura y metodología de enseñanza. Al final, el estudio busca contribuir a la mejora de la práctica pedagógica en Educación Física, valorando el papel de los entornos naturales como recursos pedagógicos, promoviendo la diversificación de contenidos.

Palabras-clave: Trabajo. Ocio. Capital. dialéctica.

INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar apresenta uma vasta diversidade de conteúdos que podem ser trabalhados em suas aulas, contribuindo para a formação integral dos estudantes. Conforme Soares (1992, p. 11), os “conteúdos clássicos” da disciplina incluem jogos, ginásticas, lutas, danças e esportes, sendo estes últimos os mais enfatizados nas práticas pedagógicas. Estudos recentes, como os de Silva e Sampaio (2012), confirmam a predominância dos esportes nas aulas, o que evidencia uma prevalência de determinados conteúdos em detrimento de outros, limitando as vivências dos alunos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) introduziu atualizações importantes, propondo uma abordagem pedagógica mais ampla, que incentive os alunos a experimentarem diferentes manifestações da cultura corporal (Coletivo De Autores, 1992). Dentre essas inovações, destacam-se as Práticas Corporais de Aventura (PCA), que se consolidam como uma rica oportunidade de aprendizado, especialmente ao envolver experiências em ambientes naturais. As PCA são definidas como manifestações corporais que podem ocorrer em cenários naturais ou urbanos, sendo caracterizadas por desafios que envolvem “risco controlado” e situações de imprevisibilidade, elementos centrais para a interação do praticante com ambientes desafiadores (BNCC, 2018, p. 218).

A inclusão das PCA no currículo permite ao professor de Educação Física não apenas diversificar suas aulas, mas também trazer inúmeros benefícios aos alunos. Essas práticas promovem cooperação, interação social, prazer, superação de desafios e fortalecimento da autoimagem. Além disso, o contato direto com a natureza durante essas atividades contribui significativamente para o desenvolvimento de uma ética ambiental, sensibilizando os alunos para a preservação e cuidado com o meio ambiente (Freitas et al, 2016).

A BNCC (2018) categoriza as PCA em dois grandes grupos: práticas realizadas na natureza, como corrida orientada, mountain bike, escalada, rapel, tirolesa e arborismo, e práticas urbanas, como parkour, skate, patins e ciclismo. Cada uma dessas modalidades oferece experiências corporais singulares, possibilitando o enriquecimento da vivência motora dos alunos. Contudo, apesar de seu potencial, desafios como a falta de estrutura física e o desconhecimento de metodologias para a aplicação das PCA nas escolas dificultam sua implementação. Tahara e Darido (2015), por meio de uma revisão bibliográfica, também apontaram a escassez de estudos voltados para a inserção das PCA no ambiente escolar.

Com a publicação da BNCC (Brasil, 2018), a Educação Física foi instigada a ampliar e diversificar seus conteúdos, organizados em Unidades Temáticas, como Brincadeiras e Jogos, Lutas, Danças, Ginástica, Esportes e Práticas Corporais de Aventura. Nesse contexto, as PCA surgem como uma possibilidade transformadora, conectando os alunos tanto com a cultura corporal quanto com a natureza, ao mesmo tempo em que os prepara para lidar com desafios de maneira ética, criativa e cooperativa.

As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, como em corrida orientada, corrida de aventura, corridas de mountain bike, rapel, tirolesa, arborismo etc. Já as práticas de aventura urbanas exploram a “paisagem de cimento” para produzir essas condições (vertigem e risco controlado) durante a prática de parkour, skate, patins, bike etc. (Brasil, 2018, pp. 218-219).

A partir dessas reflexões, evidencia-se a necessidade de explorar novos caminhos no processo de ensino da Educação Física Escolar, especialmente no que diz respeito à inclusão das Práticas Corporais de Aventura (PCA). Nesse contexto, a matriz

curricular do curso de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins (UFT), em 2017, passou a incluir a disciplina de Práticas Corporais de Aventura no sétimo semestre, com uma carga horária de 60 horas. Essa disciplina representa um esforço institucional para diversificar o ensino e ampliar as vivências corporais dos futuros professores.

O objetivo geral desta pesquisa foi verificar o nível de conhecimento e as percepções dos estudantes de Educação Física do Campus de Miracema do Tocantins sobre as PCA, bem como sua inserção nos estágios curriculares. A proposta busca fomentar a melhoria da participação dos discentes nas atividades propostas pela disciplina e ampliar a compreensão sobre as práticas corporais de aventura no contexto pedagógico. Nesse sentido, foram investigados junto aos discentes seus conhecimentos prévios, percepções e experiências sobre as PCA, considerando a relevância de tais práticas no ambiente escolar.

Esta pesquisa se justifica por três perspectivas principais: científica, social e pessoal. Do ponto de vista científico, destaca-se a lacuna na produção acadêmica sobre as PCA no estado do Tocantins. Atualmente, o curso de Educação Física da UFT não conta com trabalhos de conclusão de curso ou artigos publicados que abordem esta temática. Essa ausência demonstra a necessidade de promover investigações e debates acadêmicos sobre o tema, contribuindo para o enriquecimento do campo educacional e ampliando as bases teóricas e metodológicas para a prática pedagógica. Tahara e Darido (2015) já haviam apontado para essa carência, indicando que poucos estudos tratam das PCA em ambientes escolares, o que reforça a relevância de iniciativas como esta.

Na dimensão social, este trabalho visa contribuir diretamente com a prática pedagógica dos professores de Educação Física que atuam nas escolas de Miracema do Tocantins, Palmas e região. As PCA oferecem uma oportunidade de diversificar os conteúdos trabalhados em sala de aula, promovendo vivências corporais desafiadoras e prazerosas, especialmente em um contexto em que a BNCC (2018) já sinaliza a importância de ampliar e diversificar as experiências dos alunos. Ao incorporar essas práticas, os professores poderão criar oportunidades para que os estudantes se conectem mais profundamente com a natureza, desenvolvendo uma ética ambiental e competências como cooperação, superação e resiliência (Freitas et al, 2016).

Sob a perspectiva pessoal, esta pesquisa reflete o interesse e a motivação da autora pelo tema. A afinidade com atividades ao ar livre, bem como o apreço pelo desafio do imprevisível e pelo risco controlado, foram determinantes para a escolha do tema. Além disso, durante os estágios curriculares, a autora teve a oportunidade de trabalhar com as PCA, o que permitiu identificar desafios relacionados à sua implementação no ambiente escolar. Essa experiência reforçou o compromisso em investigar a temática, ampliar conhecimentos e contribuir para a formação de futuros professores, promovendo práticas pedagógicas que valorizem a diversidade de conteúdos e a inclusão das PCA.

As PCA destacam-se por proporcionar vivências corporais únicas, capazes de conectar os alunos tanto com sua corporeidade quanto com o ambiente natural. Segundo a BNCC (2018), essas práticas estão divididas em modalidades realizadas na natureza, como escalada, rapel, tirolesa e arborismo, e em ambientes urbanos, como parkour, skate e patins. Essa diversidade de possibilidades pedagógicas exige do professor não apenas criatividade, mas também domínio metodológico para integrar essas práticas ao currículo escolar. Freitas et al. (2016) reforçam que o contato com a natureza durante as PCA não apenas eleva o prazer e a socialização dos alunos, mas também desenvolve valores éticos e ambientais que podem impactar positivamente a formação cidadã.

PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta pesquisa, foi utilizado um **método misto**, combinando uma abordagem bibliográfica e qualitativa com a realização de entrevistas semiestruturadas. A primeira etapa, de cunho bibliográfico, buscou compreender como as Práticas Corporais de Aventura (PCA) foram inseridas nos currículos de Educação Física, fundamentando-se no conceito de pesquisa bibliográfica conforme proposto por Gil (2002, p. 44): “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Essa abordagem permitiu o levantamento de dados teóricos relevantes e uma análise mais abrangente sobre o tema. Ainda de acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 158), a pesquisa bibliográfica é definida como:

Um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados

atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações.

Essa etapa foi essencial para embasar teoricamente a pesquisa e compreender as lacunas existentes na literatura sobre PCA, além de auxiliar na formulação do roteiro para as entrevistas.

Realização das Entrevistas

Na segunda etapa, foram realizadas entrevistas individuais com estudantes do curso de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins (UFT), matriculados na disciplina de PCA durante o semestre de 2023/1, que já haviam cursado pelo menos um dos estágios obrigatórios do currículo. A amostra contou com **10 acadêmicos**, selecionados de forma a representar uma diversidade de perspectivas e experiências culturais. Porém, um dos participantes não concluiu a entrevista, resultando em um total de **9 estudantes entrevistados**.

As entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro com **5 perguntas abertas**, formuladas para estimular os participantes a compartilharem opiniões, experiências e percepções sobre as PCA e sua inserção nos currículos escolares. As questões permitiram explorar aspectos como:

1. A relevância das PCA para a formação acadêmica e prática pedagógica.
2. Os desafios encontrados para implementar PCA em estágios curriculares.
3. A percepção sobre a influência das PCA no desenvolvimento dos alunos.
4. O papel das PCA na relação dos alunos com a natureza e o ambiente escolar.
5. Sugestões para aprimorar a abordagem pedagógica das PCA no contexto escolar.

As entrevistas foram gravadas em áudio, com consentimento prévio dos participantes, para garantir fidelidade às respostas e possibilitar uma análise detalhada. Após a coleta, os áudios foram transcritos integralmente, garantindo que nenhuma informação relevante fosse perdida.

Tratamento dos Dados

Para preservar a ética e confidencialidade, os textos transcritos foram mantidos exclusivos e os dados coletados tratados anonimamente. Cada participante recebeu um pseudônimo baseado em uma Prática Corporal de Aventura, como "Escalada", "Rapel" e "Parkour", promovendo uma identificação criativa e respeitosa. Essa abordagem garantiu o anonimato dos entrevistados, alinhando-se às diretrizes éticas e legais aplicáveis.

A análise dos dados utilizou métodos qualitativos, com categorização das respostas para identificar padrões, percepções e desafios relacionados ao tema. Essa etapa buscou compreender de forma aprofundada como as PCA são percebidas pelos futuros professores de Educação Física, incluindo suas experiências pessoais e acadêmicas. Segundo Minayo (2010), a análise qualitativa permite interpretar significados a partir dos dados coletados, promovendo reflexões sobre as práticas pedagógicas e suas implicações no contexto educacional.

Considerações Éticas

A pesquisa seguiu rigorosamente as normas éticas e legais aplicáveis à pesquisa com seres humanos, conforme estabelece a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que explicitava os objetivos da pesquisa, o uso dos dados coletados e a garantia de confidencialidade e anonimato. As entrevistas foram conduzidas com transparência, respeitando os direitos e a autonomia dos participantes.

Com essas etapas, a pesquisa buscou aprofundar a compreensão sobre as PCA na formação docente e sua aplicabilidade no contexto escolar, contribuindo para o fortalecimento das práticas pedagógicas e o diálogo entre a Educação Física e a natureza, promovendo vivências enriquecedoras tanto para os professores quanto para os alunos.

ACADÊMICOS	PSEUDÔNIMO
1º	SLACKLINE
2º	PARAPENTE
3º	SURF
4º	RAPEL
5º	- PARKOUR -
6º	ARVORISMO
7º	PARAQUEDISMO
8º	TIROLESA
9º	SKATE
10º	TREKKING

A análise dos dados coletados nesta pesquisa foi realizada utilizando a **Análise de Conteúdo**, uma técnica sistemática e interpretativa que permite compreender os significados e padrões comunicativos expressos pelos participantes. Segundo Bardin (2011, p. 38), a Análise de Conteúdo é definida como:

“Uma técnica de investigação que, por meio de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações.”

Essa metodologia foi escolhida pela sua flexibilidade em analisar diferentes tipos de comunicação, sejam elas orais, escritas, icônicas ou até mesmo comportamentais (Bardin, 2011). Complementando, Gonçalves (2016) ressalta que a Análise de Conteúdo visa superar incertezas e promover uma interpretação aprofundada do objeto de estudo, considerando o contexto e as mensagens subjacentes.

De acordo com Gil (2010, p. 132), esse método permite a identificação de padrões, similaridades, diferenças e conexões entre os dados: “Percebe-se que alguma coisa se destaca como forma usual de pensar ou de agir no local. Progressivamente, mediante comparação e contraste, define-se um comportamento ou pensamento identificável.”

ANÁLISE DOS DADOS

A análise foi conduzida em etapas, seguindo as diretrizes de Bardin (2011):

1. **Pré-análise:** Incluiu a organização dos dados e uma leitura flutuante das transcrições das entrevistas para identificar pontos-chave relacionados às práticas corporais de aventura (PCA).
2. **Exploração do material:** A partir do roteiro de cinco perguntas, as respostas foram categorizadas de forma a identificar temáticas recorrentes, como desafios na implementação das PCA, benefícios percebidos pelos alunos e estratégias pedagógicas sugeridas.
3. **Tratamento e interpretação:** As categorias foram analisadas em profundidade, com o objetivo de identificar padrões consistentes e informações relevantes sobre a inserção das PCA no currículo educacional.

As categorias criadas para análise seguiram os critérios de **homogeneidade, exaustividade, exclusividade, objetividade e pertinência**, conforme recomendado por Bardin (2011). Esses critérios garantem a consistência e a confiabilidade dos achados.

RESULTADOS PRELIMINARES

A primeira pergunta do roteiro foi:

“Qual é a sua opinião sobre a inclusão das práticas corporais de aventura como parte do currículo educacional em diferentes níveis de ensino? E quais são os principais desafios que você enxerga para a implementação de práticas corporais de aventura em instituições educacionais?”

Os participantes demonstraram, em sua maioria, uma visão positiva sobre a inclusão das PCA nos currículos, destacando benefícios como:

- **Ampliação do repertório motor** dos alunos, promovendo experiências diversificadas e inovadoras (Tahara & Darido, 2015).
- **Conexão com a natureza**, que contribui para o desenvolvimento da ética ambiental e a valorização do ambiente natural (Freitas et al., 2016).
- **Estímulo à socialização** e ao trabalho em equipe, uma vez que muitas das PCA envolvem cooperação e comunicação entre os participantes.

Entretanto, foram também mencionados desafios significativos para a implementação, incluindo:

1. **Falta de infraestrutura e materiais adequados** nas instituições educacionais para a realização das práticas (Gonçalves & Rezende, 2018).
2. **Carência de formação específica para professores**, dificultando a abordagem pedagógica das PCA de forma segura e eficaz (Tahara & Darido, 2015).
3. **Dificuldade de acesso a espaços naturais**, sobretudo em contextos urbanos, onde as práticas na natureza são menos acessíveis.

Os participantes ainda ressaltaram a necessidade de maior suporte institucional, como políticas públicas que incentivem a adoção das PCA nas escolas, formação continuada para educadores e parcerias com organizações especializadas em práticas de aventura.

O uso da Análise de Conteúdo permitiu explorar de maneira sistemática as percepções dos participantes, identificando não apenas os desafios enfrentados, mas também as oportunidades que as PCA oferecem para o enriquecimento do currículo educacional. Dessa forma, os resultados poderão subsidiar estratégias pedagógicas mais inclusivas e diversificadas, alinhando-se às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e contribuindo para a valorização das práticas corporais no âmbito escolar.

Eu acho que a inclusão de práticas corporais de aventura é extremamente importante e essencial né, é pra o currículo escolar porque assim porque além de trabalhar um conteúdo diferente acaba se tornando um conteúdo de certa forma divertido né, por exemplo, para as fases iniciais e também um conteúdo assim que vai agregar em um sentido assim de uma exploração de um ambiente diferente porque assim a educação física muitas vezes na escola tá acostumado com aquele ambiente só de quadra e a partir do momento que envolve a aventura pode envolver um ambiente aquático pode envolver o meio terrestre no sentido assim no sentido de questão de mata né dependendo pode ser um tracking também tem a questão do skate que já é um esporte radical que pode tirar o aluno da escola e levando mais para o ambiente Urbano questão de rua então assim eu acho muito bacana porque vai ter essa interação né (Acadêmico Slackline).

Eu acredito que a inclusão das práticas corporais de aventura em vários níveis de ensino seria muito bom agregaria muito ao ensino da educação física e alguns desafios que seriam

encontrados seriam, por exemplo, a preparação dos professores para essa para esse ensino (Acadêmico Parapente).

A inclusão das práticas corporais de aventura no currículo educacional podem trazer benefícios para os alunos. As práticas envolvem atividades ao ar livre, como escalada, caminhadas entre outras, que podem trazer o desenvolvimento físico, emocional e social dos alunos, também condicionamento físico, estimular habilidades de trabalho em conjunto. Alguns desafios que podem dificultar a implementação dessas práticas corporais de aventura em instituições educacionais são infraestrutura, recursos, riscos (Acadêmico Surf).

Nas perceptivas teóricas de Marinho (2005), dentre as inúmeras manifestações da cultura corporal, destacam-se as atividades de aventura, que apresentam extensas possibilidades na área educacional. O potencial educativo dessas atividades de aventura pode ser muito extenso, principalmente porque facilita situações educativas com experiências pouco habituais, apresentando um forte caráter motivador, favorecendo situações carregadas de emoção, de significado e de intenção.

A minha opinião sobre a inclusão das práticas corporais de aventura como parte do currículo educacional é que é algo importante com essa implementação é algo que vai diferenciar o currículo né vai ser algo diferente uma vez que essa prática corporal de aventuras elas ocorrem nos últimos anos né do ensino fundamental então é um momento ali em que esses alunos vão ter contato com práticas diferentes né do habitual e isso de fato é muito importante nos diferentes níveis de ensino e os desafios que eu vejo né em relação a implementar essas práticas de aventura na escola é justamente por falta de investimento né assim principalmente nas práticas corporais de aventura no meio urbano né que tem que é nos anos no sexto e sétimo ano se eu não me engano então eu acho que essas é mais difícil assim de estar praticando porque não está investimento né por exemplo se for praticar por exemplo skate né a escola esse skate né a maioria né das escolas não tem skate né para todos os alunos tendo ali a vivência né patins então acho que a dificuldade é essa pra implementar essas práticas corporais aí de natureza da natureza que é mais seja mais fácil assim porque por exemplo você pode tirar os meninos da escola e praticar uma corrida de aventura por exemplo na natureza você não vai precisar assim de investimento digamos assim, mas é isso (Acadêmico Rapel).

A resposta da primeira pergunta é acredito que essas atividades proporciona uma oportunidade né para os alunos desenvolver habilidades aprenderem a lidar com o desafio as adversidades, a questão da vivencia com a natureza as práticas pode ajudar os alunos a se conectar com a natureza né a segunda pergunta que

tem na um né eu acredito que seja por conta do recurso financeiros a questão de espaço né algumas práticas que tem que ser feito no ar livre e muitas escolas não tem isso então eu acredito que seja essa questão essa questão de espaço de segurança dos alunos né os professores tem que ser capacitados para isso (Acadêmico Arvorismo).

A primeira pergunta é, na minha opinião, né sobre a inclusão... eu vejo que é de suma importância à inclusão das práticas corporais de aventura dentro do currículo educacional porque vai estimular bastante né porque muitas das vezes a escola era só proporciona ali professor meio de educação física proporcional ali as quatro balls né e não vai mais além do que tem que ser ensinado que na BNCC tem ali um documento que vai dar norte né que tem outras práticas corporais e veja que as práticas corporais de aventura tanto no meio urbano quanto na natureza onde suma importância e o aprendizado dela dentro de uma instituição educacional e os principais desafios que eu enxergo é sobre ela ser implementada né porque muitas das vezes não é proporcionada por conta do espaço do ambiente adequado se tem a questão mais da segurança né se for, por exemplo, esporte de aventura né tem que ter mais a questão da segurança e tudo mais eu vejo que um dos principais desafios é isso né e também do próprio professor de querer ir além né de trazer os limites da escola também para proporcionar isso (Acadêmico Paraquedismo).

As práticas corporais esportivas, como as de aventura, podem desenvolver interesses e motivações diferentes entre os estudantes, como as sensações e emoções provenientes do risco controlado a que são submetidos se constituem como algo inédito, como um diferencial no ensino da Educação Física, com isso podemos afirmar que as práticas de aventura no contexto escolar possuem um alto poder pedagógico formativo.

É essencial a inclusão das práticas corporais, é algo que deve ser planejado com antecedência e com o local apropriado que dê para fazer a adaptações para as práticas a serem trabalhadas (Acadêmico Tirolesa).

Acredito que a inclusão das práticas corporais de aventura pode trazer benefícios significativos para os alunos em diferentes níveis de ensino, porque essa prática pode desenvolver a parte físico, emocional, social e cognitivo dos estudantes, proporcionando oportunidades para o aprendizado experiencial, a superação de desafios e o trabalho em equipe. Além disso, as práticas corporais de aventura podem estimular a criatividade, a autoconfiança, a resiliência e a capacidade de lidar com situações imprevisíveis. Os desafios são vários, entre

eles, espaço adequado, segurança para realizar as práticas (Acadêmico Skate).

A minha opinião sobre a inclusão das práticas de aventura como parte do curricular em diferentes níveis de ensino eu acredito que seria uma disciplina boa assim porque ela traz é diferentes modos de ver outros esportes né são diferentes modalidades você vê nessa como é que fala nessa disciplina em si aí assim também seria importante incluir essa disciplina né que só tem na universidade e ela trabalha muito essa parte né de esporte porque na disciplina também fala que ela traz uma essa revisão de diferente do modo de dos ambientes físicos né ou seja a disciplina visa explorar é ambiente como terra ar água então assim seria muito importante e trazer essa disciplina para que ela possa ter que ela possa dar esse novo olhar para os alunos da rede de ensino de ensino né e também essa inclusão ajudava muito por exemplo se fosse ofertado no ensino médio né aí os alunos já saiam com a visão de que lá na frente e iria encontrar ou implementar algum disciplina voltado essa questão né da prática de aventura sobre os desafios né sobre a implementação instituições educacionais assim é o meu ver é como eu falei agora seria bom incluir alguma disciplina que é voltado para essa questão para se alinhar é a mesma situação da prática corporais porque assim na BNCC né ela fala claramente que essa disciplina é para explorar os ambientes físicos né então seria bom pensar também incluir ou implementar essa disciplina nos outros níveis né de ensino até para os alunos ter essa mentalidade de que é essa disciplina né oferece várias atividades como coletivo e as individuais também porque o professor trabalha por exemplo até os jogos e brincadeiras é danças lutas eu acredito que entra e o professor pode trabalhar assim de várias formas variados temas essa disciplina porquê de acordo com o que é disciplina visa né o professor pode trabalhar por exemplo pode trabalhar na terra né o que pode ser explorado na terra de acordo com o tema o ar e a água né então acho que o objetivo seria esse visar a exploração de um espaço né de acordo com o lugar de acordo com a necessidade da escola também da unidade se é urbano ou se é unidade no campo entendeu aí tem a parte dessas divisões né de lugares que pode ser trabalhado de acordo com o currículo né eu acredito que é isso. (Acadêmico Trekking).

Dentre as diversas possibilidades de se trabalhar a prática corporal de aventura (PCA) surge então os circuitos, proporcionando ao aluno desenvolver suas capacidades que podem promover familiaridade com as atividades diárias. O circuito de habilidades motoras oferece a mudança interna no indivíduo, gerando alterações positivas em seu comportamento, promovidas com o intuito da melhoria na qualidade do movimento,

gerando habilidades motoras e adquirindo conhecimento a respeito da movimentação corporal.

Sendo assim, o circuito de habilidades motoras vinculada às práticas corporais de aventura surge como um exercício a ser trabalhado nas escolas. Porém, fatores como familiarização do professor com a atividade e medo durante sua aplicação pelos possíveis riscos têm contribuído para a não prática da mesma dentro do âmbito escolar. Além disso, os professores alegam não possuir materiais para a realização da mesma.

Na segunda questão foi perguntado se “Você considera que as competências e habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular para o ensino fundamental na Educação Física são suficientes e contemplam as práticas corporais de aventura? E diante disto elas são acessíveis para implementação nas instituições de ensino de sua região?”

Eu acredito assim que os desafios da questão de práticas corporais além da questão da capacitação técnica né do profissional que vai aplicar também pode haver questões internas da escola né pode ser um regimento dependendo da escola, se for pública ou particular né é a questão do espaço físico também então assim acredito que sejam que sejam essas as dificuldades (Acadêmico Slackline).

Sim eu penso que as habilidades e competências da BNCC contemplam a prática corporal de aventura sim, porém nas instituições nas escolas aqui da minha região nem sempre estão acessíveis por “N” motivos um deles seria a estrutura física da escola por exemplo (Acadêmico Parapente).

A acessibilidade das competências e habilidades propostas pela BNCC, a implementação pode variar dependendo das instituições de ensino e dos recursos disponíveis em cada região das unidades escolar. E alguns desafios podem incluir a falta de espaços adequados, equipamentos específicos, profissionais capacitados e recursos financeiros. Mais importante buscar alternativas de práticas corporais de aventura, mesmo que de forma adaptada ou com recursos limitados (Acadêmico Surf).

O estudo de Santana (2012), destaca que a família é a primeira instituição por meio da qual a criança adquire os conhecimentos iniciais para viver em sociedade. É no contexto familiar que os pais ensinam o conceito de certo e errado, bem como os valores morais. O autor afirma que em união com a família, o Estado, representado pela escola, também é responsável pelo desenvolvimento e socialização da criança, pois a

escola tem como objetivos passar aos estudantes conhecimentos úteis ao longo da vida, além de formar cidadãos competentes e responsáveis.

A Constituição Federal (Brasil, 1988) determina em seu artigo 205 que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. O artigo 2º da Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB), - Lei 9.394/1996 -, está em consonância com a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1996).

De acordo com o Coletivo de autores (1992), a Educação Física Escolar tem como o seu principal objetivo desenvolver a cultura corporal do movimento que tem relação direta com a expressão corporal enquanto linguagem, bem como apresentar aos estudantes diversos conhecimentos que integram a cultura corporal do movimento. A EFE faz parte do desenvolvimento saudável das crianças e jovens escolares como condição necessária ao acesso à prática desportiva.

Eu acredito que as competências e habilidade proposta pela BNCC elas de modo geral elas não são suficientes porque a BNCC ela da o norte né para que sejam trabalhadas as especificidades de cada de cada local né então ela é um norte para trabalhar por exemplo em Miracema o que tem disponível né para você trabalhar das práticas corporais de aventura e da realidade que eu vim é que não sou natural daqui eu estudei todo o meu ensino fundamental e médio em Natividade né não tinha né em nenhum momento teve essa implementação de práticas corporais na instituição que eu estudava e eu não vejo também tipo assim por exemplo não acho que não tem essa questão de implementação nas instituições de ensino (Acadêmico Rapel).

Bom segunda pergunta né a BNCC ela não especifica senão não menciona as práticas corporais de aventura né competências habilidades propostas que que elas ela abrange diferentes formas de tipo de atividade né incluindo as atividades de aventura já a questão da acessibilidade né essas práticas eu acredito que essa acessibilidade ela pode ser possível através das diferentes recursos né que as escola é proporções para esses alunos a questão da infraestrutura de recursos financeiros do espaço né do espaço geográfico para essas práticas (Acadêmico Arvorismo).

É, respondendo a segunda questão eu considero que não, porque é as competências lá quando a gente olha na BNCC né que é o documento que traz Norte ali para a gente proporcionar aquelas práticas corporais eu vejo que as habilidades elas são

poucas relacionadas às práticas corporais de aventura que vai ser no máximo ali duas três uma se eu não me engano e aí eu vejo que são poucas e diante disso ela não se torna acessíveis para ser implementada dentro da instituição ali de ensino né por conta que muitas das vezes ela tem que ter habilidade de acordo com a BNCC e muitas das vezes a habilidade que esse professor quer colocar dentro do seu conteúdo dentro da com o objetivo da aula dele muitas vezes ele não ele não consegue proporcionar por conta disso né muitas vezes pela do espaço por não ter um lugar adequado e é isso (Acadêmico Paraquedismo).

Dentre as atualizações da BNCC de 2018, as Práticas Corporais de Aventura (PCA) ganharam destaque, no qual reconhece a importância dessas experiências para o desenvolvimento dos alunos, ampliando suas vivências corporais e proporcionando a exploração de ambientes desafiadores. (Coletivo de Autores, 1992). Este sendo um documento norteador que estabelece os conhecimentos, competências e habilidades essenciais que todos os estudantes brasileiros devem desenvolver ao longo da educação básica, serve ainda como referência para a elaboração dos currículos das escolas, orientando a construção de propostas pedagógicas alinhadas com os objetivos educacionais do país.

Sim, está de acordo com a prática principalmente as habilidades, é possível sim realizar a prática com diversas implementações, depende do ambiente (Acadêmico Tirolesa).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Física não mencione claramente as práticas corporais de aventura, ela oferece orientações gerais que podem ser relacionadas a essas atividades. No entanto, a implementação das práticas corporais de aventura dependerá da adaptação e complementação do currículo pelas escolas e educadores. É importante considerar a relevância, os benefícios e a disponibilidade de recursos e segurança para realizar essas atividades. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aborda tanto as Práticas Corporais de Aventura Urbanas quanto as Práticas Corporais de Aventura na Natureza. No entanto, em nossa região, a implementação das práticas corporais de aventura na natureza é mais viável e adequada, considerando a presença de trilhas, serras, rios e lagos que proporcionam um ambiente propício para essas atividades (Acadêmico Skate).

Então sobre as competências e habilidades que são propostas pela base nacional comum curricular né assim, eu acredito que são suficientes competências e habilidades né o que falta é dividir essas competências e habilidades de acordo com o ensino de cada etapa e falo é na questão de porque tem educação do campo educação quilombola educação indígena e educação

como é que se fala é urbano né são essas abordagens que o povo que organiza a BNCC poderia visar né então assim na área da Educação física são vários contextos que os professores podem aproveitar e trabalhar conforme o tema né então é assim eu acho que falta nessas divisões para o povo mais questões voltado mesmo para esse campo né de atuação de cada povo que requer toda essa demanda então aí a outra situação também é se elas são acessíveis a implementação as instituições de ensino é como se tem são essas áreas né de ensino que a BNCC poderia ver se eu não me engano eu não vi né e se a BNCC pode contemplar esses do campo que eu falei a educação é do campo indígena quilombola a urbano é na BNCC tem e por exemplo eu vou só citar aqui porque eu estou no campo da educação indígena né Educação na educação seria muito importante visto que o BNCC contempla do sexto ao nono ano né então do sexto ao nono ano se for se expandir é para do primeiro ao terceira série né seria bom para dar mais ênfase na situação que a prática de aventura fala né e várias formas e voltando a questão indígena eu acredito que dava assim muita se fala muito aspecto a ser trabalhado porque fala da natureza e nelas englobam por exemplo os jogos e brincadeira as danças no caso na educação indígena poderia ser voltada da cultura né eu não lembro de ter visto mas eu acredito que tem eu não me recorde se tem na BNCC para essas questões culturais né e eu falo isso porque eu acredito que cada povo essas divisões tem é alguns aspectos a oferecer para essa disciplina e a disciplina também oferecer e nas instituições de ensino principalmente o que eu tenho de experiência né na educação indígena faltam muito o acompanhamento da instituições em si por exemplo a SEDUC que é um órgão que acompanha todas as unidades seja do campo do urbano indígena então eu acredito que pesa nessa questão porque essa disciplina é aprofunda muito na questão corporal né e tem a questão do lazer também é saúde podemos gerenciar muita coisa dentro e fora da escola como se tem na cultura elas poderia trazer muito para como é que fala restabelecer ou reestruturar algumas coisas da cultura na saúde nas confecções de materiais na do povo né em si e tem jogos alguns jogos na indígenas é artesanatos poderia trabalhar muito por muita coisa entendeu então ao meu ver seria isso não sei se eu tô enganado não mas é isso (Acadêmico Trekking).

As vivencias das PCA, muitas vezes, necessitam de um ambiente adaptado ou propício para suas práticas e as escolas nem sempre estão prontas para tais especialidades. Pois envolve adequação na infraestrutura, materiais e equipamentos adequados permitindo a exploração com fim educacional, assim como percebido nos estudos de Marinho e Bruhns, 2001.

A terceira pergunta foi “Como você acha que as práticas corporais de aventura podem ser adaptadas ou combinadas com outras abordagens educacionais para ampliar seu alcance e benefícios?”

Eu acredito sim que elas são suficientes mas acredito que elas não contemplam as práticas corporais de aventura e assim questão de acessibilidade para implementação aqui na região é bem difícil porque assim a maioria das escolas públicas são muito precárias lógico por exemplo que em Miracema a gente tem um ambiente mais favorável né por exemplo que tem muitos locais para trilha aqui tem muitos locais que poderiam ser trabalhado o skate por exemplo então assim seria mais nessa questão agora sim no espaço físico da escola aí a questão de acessibilidade já fica bem difícil (Acadêmico Slackline).

Existem algumas possibilidades de combinar a prática corporal de aventura com alguma outra unidade temática uma delas seria por exemplo aos esportes na prática de algum esporte radical você estaria realizando a prática de aventura também (Acadêmico Parapente).

Abordagem interdisciplinar as práticas corporais de aventura podem ser integradas a outras disciplinas, como ciências naturais, geografia, história ou educação ambiental. Isso permite que os alunos explorem os conceitos relacionados às atividades de aventura. Práticas corporais de aventura em si, a educação ao ar livre pode ser incorporada ao currículo. Isso envolve a realização de aulas, atividades e projetos em ambientes naturais, como parques e florestas (Acadêmico Surf).

Em minha opinião ela pode ser as práticas corporais de aventura podem ser trabalhadas de modo interdisciplinar com outras disciplinas para alcançar o seu objetivo né de ensinar as crianças esses alunos de modo que trabalhamos juntos né da para fazer coisas bem interessantes né na disciplina né da para fazer muitas coisas através da interdisciplinaridade (Acadêmico Rapel).

De acordo com a BNCC (2018), as Práticas Corporais de Aventura (PCA) devem ser adaptadas às condições de cada escola, levando em consideração o cenário específico de cada contexto escolar. Tal fato apresenta um desafio para os professores de Educação Física, especialmente nas escolas públicas, no qual os recursos de infraestrutura e materiais são limitados. Portanto, é necessário encontrar maneiras de desenvolver atividades relacionadas a esse conteúdo, mesmo com recursos mínimos disponíveis nas escolas, buscando soluções criativas e adaptadas à realidade de cada ambiente escolar.

Resposta da terceira pergunta né as práticas corporais de aventura acredito que elas podem ser partes integrantes da educação ao ar livre dos alunos onde os alunos têm a oportunidade de vivenciar a natureza, desenvolver as habilidades sobre a sobrevivência, e sobre a conservação do meio ambiente eu acredito que seja essa prática aí essa prática ao ar livre (Acadêmico Arvorismo).

Respondendo a pergunta 3 eu vejo que em minha opinião assim enquanto estudante já passei por esse estágio é vejo que a prática corporal de aventura para ela ser adaptado ou combinada com algo eu vejo que seria interessante ela ser proporcionada com o conteúdo ali fazendo interdisciplinaridade entre outro conteúdo, por exemplo, utilizar o game do skate que é um esporte de aventura no meio urbano que na verdade é uma prática corporal de aventura no meio urbano e aí por exemplo fazer o game ali contando os pontos e essa pontuação ali por exemplo sendo trabalhado com criança vai trabalhando aí tem disciplinaridade eu vejo que como adaptação como essas é contribuir bastante para o desenvolvimento e conseguir ampliar esse alcance os benefícios que essa prática pode trazer no futuro. (Acadêmico Paraquedismo).

Bom, para montar uma aula de práticas corporais de aventura, requer um planejamento cuidadoso primeiro escolheria um tema cultural ou ambiental ou gênero que os alunos tivessem conhecimento e realidade em seguida haveria após uma discussão adaptaria a prática conforme o tema escolhido (Acadêmico Tirolesa).

Com certeza pode e deve ser combinada, com professores criativos, não será difícil adaptar as práticas corporais de aventura com outras abordagens educacionais. Ao combinar diferentes elementos, é possível ampliar o alcance das atividades, fortalecer as habilidades dos alunos e promover uma experiência educacional mais enriquecedora e abrangente (Acadêmico Skate).

As PCA podem promover a interdisciplinaridade, uma vez que envolve a integração de diferentes áreas do conhecimento, como Ciências Naturais, Geografia, História e Educação Ambiental, proporcionando uma abordagem multidimensional para os alunos. Essa abordagem interdisciplinar amplia o entendimento dos estudantes sobre as atividades de aventura, relacionando a diferentes aspectos e contextos, enriquecendo sua experiência educacional.

Para Tahara e Filho (2012, p 61),

As vivências constituem um bloco de atividades capaz de proporcionar às crianças e adolescentes variadas situações de relevada importância pedagógica por conta da transmissão eficiente de valores, atitudes e normas; da aprendizagem de conceitos integrados em diferentes âmbitos do conhecimento (processo interdisciplinar) e da realização de diversas experiências motoras de grande impacto emocional, pelas características intrínsecas dessas práticas em contato com o meio natural.

É sobre as práticas de aventura se pode ou não né combinado adaptadas nas em outras abordagens educacionais eu acredito que é todas as competências fala muito ou habilidades fala muito do protagonismo né então para se para se ter alcance né os benefícios eu acredito que deveria ver e trabalhar de acordo com a necessidade de cada unidade foi o que eu falei das instituições acompanhar e ver para ser trabalhadas a partir disso em outras abordagens na educação conforme a demanda de cada unidade ou de cada povo e a partir disso é tentar acrescentar algumas práticas porque a disciplina em si já abrange todas as práticas né dentro da cidade fora da cidade no ambiente sem ser na cidade entendeu então é importante visar isso de outras abordagens educacionais o que eu penso é que deveria ser adaptada algumas práticas de cada comunidade né de cada comunidade que tem essa necessidade e muitas coisas poderia ser inseridas de cada povo é de cada comunidade por exemplo voltar a dar o nosso estado tem muitos povos além de indígenas né comunidades tem muita a oferecer e muita das vezes o pessoal que elabora a BNCC né não vê essas as riquezas né do estado que poderia ser inserido quais as diferenças de povo de comunidade para quem tá trabalhando para entender as diferenças olhar ou mudar a visão né mudar a visão do aluno porque visando essa identificação né de origem de cada de cada povo de cada modalidade que você trabalha de onde vem essa modalidade eu acho que o modo de como pode ser apreendida é essa dentro da disciplina eu acho que eu acho que não eu penso que assim ajudava muito as percepções mesmo a perspectiva de quem tá nessa disciplina os alunos ia ter outras visões né porque na educação é o movimento de diferentes modo de vida do ambiente e também é fala das construção de muitos preconceitos estereótipos que estão presentes no nosso meio tem a questão da reflexão crítica e respeito ao próximo também então assim eu acredito que abrange todo uma situação se a gente for ver a importância da disciplina em si (Acadêmico Trekking).

A quarta pergunta versou sobre: “Durante o estágio no ensino fundamental, quais atividades de práticas corporais de aventura você teve a oportunidade de observar ou participar?”

Acredito assim que uma forma de implementar poderia fazer dependendo do local espaço físico da escola uma visita uma

cachoeira um riacho um córrego né pode ser até um ambiente fora da escola dependendo de onde é então assim uma simples caminhada uma roda de conversa um piquenique né uma parada para alguma comida algum lanche alguma coisa já poderia ser uma forma bem bacana de começar a introduzir o assunto (Acadêmico Slackline).

No meu caso especificamente o estágio para o ensino fundamental aconteceu durante a pandemia então nós não tivemos a vivência com os alunos né lá na prática, mas é uma das atividades propostas por nós seria a introdução ao parkour seria uma das práticas de aventura que iniciaremos na escola (Acadêmico Parapente).

Durante o processo de estágio ainda não tive a oportunidade nem de observar e também não de aplicar regências que seja voltado às práticas corporais de aventura (Acadêmico Parapente).

As universidades responsáveis pela formação de profissionais de Educação Física devem buscar constantemente a evolução e atualização dos conteúdos curriculares, a fim de acompanhar as transformações e demandas da área ao longo do tempo. Tal fato é fundamental para garantir uma formação de qualidade e preparar os futuros profissionais para os desafios e necessidades contemporâneas da Educação Física.

A formação em aventura, ainda incipiente nos cursos de Educação Física, sugere que os professores devem buscar conhecimentos além daqueles obtidos na graduação e que cabe à Universidade abrir mais espaço para disciplinas que abordem o tema, não deixando o futuro professor fora desta discussão (Severino, Pereira e Santos, 2016 p. 122).

Durante o estágio no ensino fundamental com as atividades de práticas corporais de aventura você teve a oportunidade de observar ou participar, durante os meus de todos os estágios né 4 eu não tive contato e não tive a oportunidade de observar nem participar nem fazer alguma regência sobre práticas corporais infelizmente né porque geralmente a gente já seguia no estágio aquilo que o professor já estava trabalhando e geralmente o comum né era vôlei era esportes mesmo não tive oportunidade de observar ou até mesmo ministrar em uma prática corporal de aventura nos meus estágios (Acadêmico Rapel).

Nos estágios eu tive a oportunidade de fazer os jogos cooperativos né jogo de incentivo a cooperação e o trabalho em equipe né dos alunos atividade de resolver solucionar problemas atividades em grupo (Acadêmico Arvorismo).

Respondendo a pergunta 4 é uma que eu tive a oportunidade de observar ali e ver foi eu achei bastante interessante foi um tipo de escalada na montanha de uma forma lúdica né e também adaptada meio que adaptada né porque como a para ir para um lugar que tem a montanha e “tals” mais complicado a professora a professora não os alunos do estágio né proporcionaram meio que vira uma tipo uma subida meio íngreme né e fizeram tipo como se fosse com o giz ele demarcando pontos né por exemplo um caminhozinho para ele poder subir meio que agachado pegar numas coisas e eu achei aquela aula muito interessante né. (Acadêmico Paraquedismo).

Não tive oportunidade de presenciar práticas corporais de aventura, pois o conteúdo que estava sendo trabalhado era outro (Acadêmico Tirolesa).

Estou concluindo o estágio na educação infantil e no fundamental 2, porém, não tive a oportunidade de vivenciar essa prática (Acadêmico Skate).

O estágio, na faculdade de Educação Física é de extrema importância, pois proporciona aos estudantes à oportunidade de vivenciar a prática profissional, aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula e desenvolver habilidades práticas. Além disso, o estágio permite o contato direto com diferentes realidades e contextos de atuação, contribuindo para a formação integral e preparação dos futuros profissionais.

Os cursos de formação precisam atualizar seus conteúdos, para oferecer conhecimentos compatíveis com as necessidades dos futuros professores. Eles também devem oferecer cursos de extensão ou pós-graduação para aqueles que se graduaram e não obtiveram informações a respeito do tema (Severino, Pereira e Santos, 2016 p. 117).

É durante o estágio fundamental né é assim as atividades práticas corporais eu já vi a de aventura eu não sei se é da mesma linha né do mesmo caminho mas assim de práticas corporais mesmo eu acredito que entro muito os jogos em brincadeiras né como correr, pular corda, bambolê é esses jogos né mas lúdicas e por exemplo cabo de guerra eu não sei se entra na área da aventura né mas entre outras atividades durante o estágio eu vi muito essa questão né e assim nos anos iniciais e eu vi muitas brincadeiras e jogos muitos jogos e brincadeiras nessa situação por exemplo para simular escalada subir árvore eu não vi é porque poderia ser a escalado né tentar pela escada é procurar árvore da escola para poder subir no galho de forma segura com alguns equipamentos mas o que houve mesmo foi só muitas brincadeiras voltado para prática corporais né eu acredito que não é que não seja de aventura brincar no ambiente

aberto eu vi e muito na quadra né esses dias tivemos na ministramos a aula só que no ambiente aberto porém é voltado para outra disciplina então eu acredito que eu não vi mais tarde né pelo menos que observei aí presenciei então a vista é só essa observações né poderia ser trabalhador outras coisas nos ambientes escolares aproveitar as áreas abertas né e assim o que mais tarde foi isso (Acadêmico Trekking).

Já a quinta e última pergunta foi “Com base em sua experiência de estágio, quais recomendações você faria para a implementação de práticas corporais de aventura no ensino fundamental?”

Nos meus estágios usando o ensino fundamental e já abrindo né e usando os outros como exemplo eu não tive nenhum contato né e de tanto de observar quanto participar. Se for ensino fundamental fases iniciais acredito que como forma de implementação pode-se utilizar uma pista de obstáculos né é algo bem bacana assim pode colocar por exemplo um terreno assim lógico que tem que ter toda uma segurança né mas pode fazer sim um terreno muitas vezes até dentro da escola um pouco mais afastado pode fazer uma pista de obstáculos né que eu acho que fica bem bacana pode ser um caça ao tesouro que é bem interessante né dividir as equipes e dar as pistas então assim eu acho que assim no caso misturar um pouco de jogos e brincadeiras mas usando esse assunto né dentro do ambiente para o qual o professor deseja né trabalhar só atividade de prática corporal de aventura (Acadêmico Slackline).

Bom como você tem na resposta anterior nós não durante o estágio nós não tivemos experiências práticas, mas na teoria né o que o recomendaria seria as adaptações físicas mesmo necessárias a serem feitas na escola para que desse início a prática corporal de aventura algum tipo de prática corporal de aventura no caso (Acadêmico Parapente).

Ainda não tem experiência e como isso não tenho ideia para a recomendação de práticas corporais de aventura, mais penso que teria que ter uma grande adaptação nas instituições para os alunos vivenciarem essa prática. (Acadêmico Surf).

A formação de professores de Educação Física visa preparar profissionais capacitados para promover o desenvolvimento físico, emocional e social dos alunos por meio da prática de atividades físicas, esportivas e recreativas, como no caso das PCA com espaços ao ar livre.

Estes realmente são grandes empecilhos ao idealizar a inserção das PCA durante as aulas, assim como a questão relacionada à formação inicial em cursos de graduação. Este tipo de prática passou a ser

tratado em âmbito acadêmico-científico há pouco tempo quando comparado à outras práticas historicamente constituídas na área, desta forma, muitos professores que atuam em âmbito escolar não tiveram em sua formação alguma disciplina que tratasse dessas práticas (Tahara; Darido, 2016, p. 126).

A pergunta 5 quais recomendações eu faria e mesmo não tendo né vivido nos estágios como eu já disse né nenhuma prática mas eu acredito que é atuando na escola é possível por meio de fazer essa implementação usando teoria e prática né por exemplo dá para usar vídeos né fotos né com os alunos para explorando os conteúdos e também utilizando o ambiente né ao ar livre para que o aluno ele seja aproximado da realidade né de cada modalidade não sei trazendo elementos que remete aquela determinada área determinada prática corporal então acredito que é possível né por meio desses mecanismos implementar as práticas corporais de aventura no ensino fundamental (Acadêmico Rapel).

Com base nas experiências que a gente teve na escola eu acredito que assim para recomendações para implementação dessa atividade eu acredito que em primeiro lugar a segurança né um planejamento adequado planejar cuidadosamente as aulas né essas atividades de aventura levando em consideração a faixa etária dos alunos os recursos disponíveis pela escola a segurança os objetivos de aprendizagem que queira passar experiências que os alunos já tiveram e aí avançando gradualmente né esses desafios. (Acadêmico arborismo).

Uma das recomendações que eu daria era em relação a segurança né em relação à questão da daquela turma sair do da instituição educacional né porque muitas vezes que acontece criança pode se dispensar pode ir para algum cuidado quanto mais cuidado melhor e aí é questão de segurança em relação a isso né o professor ele tá atento a todas os alunos né e ela também é conseguir aplicar todos os seus objetivos né em relação aquilo que ele quer propor dentro da aula porque o que seria interessante é ele de recomendação a ele é aplicar todos os objetivos e todas as habilidades que ele propôs ali no plano de aula dele que visa posteriormente é ser contemplados todos né e aí eu vejo que é de suma importância é uma dessas recomendações que nem eu falei a segurança quanto mais cuidado melhor porque muitas vezes não pode estar no ambiente bom no ambiente adaptado e aí a questão da segurança é fundamental (Acadêmico Paraquedismo).

O que pode ser trabalhado nas aulas de práticas de aventura, escalada que pode ser feito no chão mesmo e desenhar os obstáculos com giz, também tem arborismo que é utilizado uma corda para que os alunos se segurem até atravessar um de um local para outro (Acadêmico Tirolesa).

Estou concluindo o estágio na educação infantil e no fundamental 2, porém, não tive a oportunidade de vivenciar essa prática (Acadêmico Skate).

A introdução de conteúdos não comuns na Educação Física oferece aos alunos a oportunidade de aprender e vivenciar experiências significativas, desenvolvendo estratégias de aprendizado, superação de desafios e autoconhecimento. Além disso, esses conteúdos promovem a construção de confiança mútua e respeito entre os alunos, enriquecendo a experiência educacional (Souza; Silva, 2013).

É conforme a experiência né eu recomendaria né para implementar essas práticas corporais de aventura no ensino fundamental seria bom olhar desde do primeiro ano né ao nono tanto é que do sexto ao nono já tem né porém nas unidades de ensino não é trabalhado pelo que eu conheço acredito que alguns escolas deve trabalhar em outras unidades não, então seria muito bom implementação até para resgatar alguns conhecimentos das crianças né alunos em si é para eles conhecer ou reconhecer a partir da disciplina proposta né ou vivenciar é vivenciar jogos assim resgatar mesmo atividade lúdica do primeiro ao quinto ano e através disso trabalhar habilidades e colocar mais atividades para poder desenvolver cada momento que o aluno deve percorrer dentro da sala e fora dela né durante as aulas por exemplo de acordo com cada ambiente né cada unidade se tem equipamento ou não como essa esse aluno vive né dentro da sua comunidade se já viram assim outras modalidades por exemplo é trilha né skate ou subir você já tem a vivência de algumas dessas que apresenta na disciplina do ambiente físico qual deles gostam mais de água o que se passa no ar o que tem na terra para ser explorado né quando andar né conhecer esses ambiente com os alunos do primeiro ao terceiro ano ou até 5º ano mesmo falar com alunos eu estou levando para conhecer um ambiente água registrar é de forma que seja em desenhos né ou filmar e através de trabalhar com ele mas diante disso eu acredito que é muito importante como ter como objetivo né é conhecer ou reconhecer as partes de aventura e a partir disso trabalhar o que eu falei como resgate ou até mesmo implementar o conhecimento assim visando ou pensando na perspectiva né de conhecer mais atividades por exemplo eu vou falar de algumas que a prática de aventura em si fala né se fosse para implementar tem alguns lugares que pode ser trabalhar escalada né na escola conforme o ambiente escolar ou de difícil acesso poderia trabalhar dentro da escola mesmo para conhecer alguns elementos assim básico da escalada por meio de vídeos ou até na prática mesmo mas com segurança né e então elas são muitas dicas que devemos trabalhar ou aproveite e é isso se for assim para mim na minha opinião se fosse para implementar essa disciplina né seria bom porque ia ser uma outra é vida principalmente porque como a gente se fala é para conhecer

cada ambiente né e vai trabalhar a segurança na escola de forma geral e até conhecer mesmo de como se prevenir quando for fazer qualquer por exemplo qualquer atividade e os alunos vai saber né de qual atividade que é mais que é de risco quais são as atividades que podem ser realizados de forma segura então são essas sequências que deveria ser aplicado né para eles conhecer por exemplo na água tem cada área né cada região que deveria ser trabalhado tem a questão do ambiente né até através de promover né cada em cada aspecto cada tema ações diferentes para que os alunos possam ter essa viver e através de se conhecer e eu acho que é isso.(Acadêmico Trekking).

Foi possível identificar que a procura pelas práticas corporais de aventura está crescendo no nosso país. Adolescentes, jovens e adultos vão em busca desses esportes, sendo os adolescentes aqueles que mais procuram. As práticas corporais de aventura podem proporcionar aos seus praticantes diferentes emoções, como o medo, a superação, a conquista, angústia, liberdade, entre vários outros. Isso faz com que sejam diferentes de outros esportes, constituindo-se como práticas centradas na sensação de desafio e superação de limites.

Voltando o olhar para o âmbito escolar, deve-se ter cuidados de segurança com os praticantes. Os alunos geralmente gostam de conhecer coisas novas, uma aventura diferente da que eles estão acostumados, saindo dos esportes tradicionais que usualmente são trabalhados na escola, como o futsal, handebol, vôlei e o basquete. Constituindo assim um ambiente permeado de novidades nas aulas de Educação Física. A patinação pode ser vivenciada na escola, focando no desenvolvimento motor e cognitivo dos alunos. O professor precisa desenvolver estratégias que possibilitem essa experiência. A BNCC oferece a viabilidade de trabalhar com as diferentes práticas corporais existentes, e contextualizá-las na nossa realidade.

Nas aulas de Educação Física os conteúdos devem ser abordados em complexidade crescente, uma vez que em cada um dos níveis de ensino os alunos trazem consigo múltiplas experiências relativas ao conhecimento sistematizado, que devem ser consideradas no processo de ensino e da aprendizagem (Schneide; Santos, 2012). Os conteúdos não devem ter um fim em si mesmo, devem servir como caminho para a realização do objetivo maior do ambiente escolar que é a concessão de conhecimentos para os educandos.

Para Santos (2018), esse componente curricular apresenta um importante papel no processo de ensino e aprendizagem na escola construindo uma base esportiva e, a partir daí, na formação saudável dos estudantes e de atletas. Para tal, se faz

necessário uma prática de ensino voltada aos fins educacionais de envolvimento autônomo em um processo que estimule ações críticas criativas e comprometidas com a realidade educacional e o meio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar durante o processo da pesquisa que as pessoas que praticam esse esporte passaram a se preocupar com questões relacionadas ao meio ambiente e isso fez com que esses praticantes das Práticas Corporais de Aventura criem mudanças de hábitos. Além disso, ganham o aumento da concentração, força, equilíbrio, além de promover saúde mental e física. As PCA influenciam fortemente na coordenação motora e no controle psicológico, afetivo e social. Isso significa que a prática destas têm um papel importante na vida dos praticantes e age de forma positiva, pois contribui para a construção de valores, principalmente no contexto ambiental.

Portanto, é necessário que haja mais estudos sobre este tema, para que ele seja discutido de forma mais ampla, não só para estudantes, mas para a sociedade em geral a fim de levantarem questões que possibilitem que a natureza seja um lugar que proporciona não só espaço de refúgio, mas sim algo essencial para o bem-estar e para nossa sobrevivência.

Por fim, a formação docente tem um importante papel para que o ensino das PCA seja facilmente desenvolvido nas aulas. O professor atento aos desdobramentos e constantes atualizações do conhecimento faz diferença no contexto escolar, uma vez que desenvolve com mais destreza estratégias metodológicas capazes de suprir a falta de recursos materiais e infraestrutura adequada para tais práticas que permeiam a docência.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 4ª ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2022.

BRASIL, **Ministério da Educação**, (1997). Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, MEC/SEF.

BRASIL. **Base Nacional Curricular comum**. 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em 30 de novembro de 2019.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 11. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. (Série legislação; n. 159).

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau – série de formação do professor.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª Edição. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

GONÇALVES, A. T. P. Análise de Conteúdo, Análise de Discurso e Análise de Conversação: estudo preliminar sobre diferenças conceituais e teórico-metodológicas. **Administração, Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 275 – 300, maio, jun, jul, ago, 2016.

FREITAS, T. A; et al, 2016. Avaliação da implementação de um programa de práticas corporais de aventura na educação física escolar. **ARQUIVOS em MOVIMENTO**, v.12, n.1, p. 4-16. 2016.

MARINHO, A; BRUHNS, H. T. Escalada urbana - faces de uma identidade cultural contemporânea. **Movimento**. vol. VII, núm. 14, p. 37-48. 2001.

MARINHO, A. Atividades de aventura em ambientes artificiais. In: UVINHA, Ricardo R. (Org.). **Turismo de aventura: reflexões e tendências**. São Paulo (SP): Aleph, 2005.

SANTANA, W. S. Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery ISSN 1981 0377 Curso de Educação Física – N. 12, JAN/JUN 2012 Disponível em: <<http://re.granbery.edu.br>>

SANTOS, L. C. dos. (2018). **O desenvolvimento motor na educação física escolar**. Trabalho de conclusão de Curso (graduação EAD em Educação Física), Universidade Estadual da Paraíba. Monteiro, 2018. 17f. Material impresso.

SCHNEIDER, C. E. da C. SANTOS, A. L. P. O skate enquanto fenômeno esportivo cultural, social e contemporâneo: uma abordagem pedagógica nas aulas de educação física no ensino fundamental. In: **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. Secretária de Educação. Governo do Estado do Paraná, V. 1, 2012.

SEVERINO, A. J.; PEREIRA, D. W.; SANTOS, V. S. F. dos. Aventura e Educação na Base Nacional Comum. **EccoS - Revista Científica**, n.41, 2016.

SILVA, J. V. P; SAMPAIO, T. M. V. Os conteúdos das aulas de educação física do ensino fundamental: o que mostram os estudos? **R. bras. Ci. e Mov**; 20(2): 106-118. 2012.

O PAPEL DA NATUREZA NAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA: PERSPECTIVAS ACADÊMICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA. Silvia Gomes MURICI; Thiago Nilton Alves PEREIRA; Ruhena Kelber Abrão FERREIRA. JNT Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 - FLUXO CONTÍNUO. 2025 - MÊS DE JANEIRO - Ed. 58. VOL. 01. Págs. 84-113. <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

Disponível em:
<<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/3007/2258>>. Acesso
em 02 de dezembro de 2019.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez. 1992.

SOUZA, F. A de; SIVA, P. C da C. A escalada nas aulas de educação física escolar no ensino médio. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 44-54, set. 2013.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. Práticas Corporais de Aventura em aulas de Educação Física na Escola. **Conexões**. V. 14 n. 2 p. 113-136. 2016.

TAHARA A. K. FILHO S. C. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivo de Ciências do Esporte**, v.1 n.1, 2012.